

(DES)CAMINHOS DA IDENTIDADE *PUNK*: UMA TRAJETÓRIA DE ESPECIFICIDADES

Tiago de Jesus Vieira*
tiagoveira@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho parte de uma indagação corriqueira e banal sobre onde surgiu o primeiro grupo de *punks* no Brasil. No âmago de tal indagação vislumbrar-se um problema da ordem de identidades, incidindo na indagação do que constitui o indivíduo enquanto *punk*. A fim de trazer luz a estas indagações, percorreu-se o caminho traçado por quem vislumbra o que é ser *punk*, pela ótica externa ao grupo, atentando-se para as distinções das imagens feitas do que em tese “forma” o *punk*. Nesse sentido este texto expõe duas representações distintas: De um lado o viés jornalístico pauta-se numa necessidade da assimilação de “bens culturais” – que estão relacionados ao estilo *punk*, elementos musicais e visuais –; por outro lado encontra-se grande parte dos trabalhos produzidos no bojo das ciências humanas após 1980, que versa que o indivíduo *punk* constitui-se através da vivência em grupo, sendo que cada grupo possui vivências distintas, marcadas pela sua trajetória particular.

PALAVRAS-CHAVE: Punk; Identidade; Biopoder.

ABSTRACT: *This paper begins with an ordinary and trivial question about where the first group of punks appeared in Brazil. At the core of such a question is possible to catch a glimpse about the problem of identities, focusing on the question about what constitutes the individual as a punk. In order to shed light on these questions, a path traced by who sees what being a punk is was went through, by the external optics of the group, paying attention to the distinctions of images made in the thesis that "forms" punk. In that sense, this text presents two distinct representations: In a side the journalistic bias is ruled by the necessity of the assimilation of "cultural goods"- which are related to punk style, musical and visual elements - on the other hand we can find lots of works produced inside of the human sciences after 1980, which says that the punk individual is constituted by the group experience, once each group has different experiences, marked by its particular trajectory.*

KEYWORDS: Punk; Identity; Biopower.

O documentário “Botinada: a origem do punk no Brasil¹” busca retratar os primeiros momentos da “história” do movimento *punk* no Brasil. Porém, na tentativa de encontrar as supostas “raízes” do *punk* brasileiro, o filme acaba entrando numa polêmica quanto à localidade do primeiro grupo de *punks* no país: Se estes seriam de São Paulo ou de Brasília. A defesa dos paulistanos baseia-se no propósito de alguns brasileiros “filhinhos de papai” até

* Mestrando em História Universidade Federal de Mato Grosso; Bolsista CAPES. Atualmente desenvolve uma pesquisa acerca da constituição do movimento *punk* em Ilha Solteira/SP, sob a orientação do Prof. Dr. Ely Bergo de Carvalho.

¹ BOTINADA: a origem do Punk no Brasil; São Paulo, ST2 vídeo, 2006, 110 min.

poderiam ter tido acesso á alguns discos de *punk rock* antes, mas estes por sua vez não tinham a vivência em conjunto do que realmente é ser *punk*, como acontecia em São Paulo. Um fato interessante por traz desta disputa, é a distinção na concepção do que constitui o *punk*. Afinal para ser considerado *punk* é necessário a assimilação de “bens culturais”, que estão relacionados ao estilo *punk*, tais como elementos musicais e visuais? Ou ser *punk* é algo que se constitui através da vivência no grupo, sendo que cada grupo possui vivências distintas, marcadas pela sua trajetória particular?

Desde já, cabe destacar que o propósito deste trabalho não é enfatizar qual a cidade de suposta “origem” do movimento *punk* no Brasil. O objetivo é partir destas indagações de quem vislumbrou o que é o *punk* pela ótica interna, para focalizar este problema do que constitui essa identidade, na visão produzida de fora. Como visão exterior, contemplam-se dois tipos de materiais que transmitem abordagens distintas: Primeiramente relatos jornalísticos na imprensa e posteriormente trabalhos acadêmicos produzidos desde a década de 1980. Através da análise deste material pode-se evidenciar a disparidade entre as abordagens, como ambas trazem visões muito distintas do que é o *punk* e como este se constitui enquanto indivíduo que partilha desta identidade, tal como posto no problema *a priori*.

A primeira tendência apontada neste trabalho, está calcada na perspectiva de que para “ser *punk*”, basta basicamente a assimilação de bens culturais, relacionados à “cultura *punk*”. Seguindo esta concepção, ser *punk* está relacionado a um estilo ditado por características universais, como o cabelo *moicano*, jaqueta cheia de arrebites e o gosto pela música *punk rock*. As abordagens que contemplam esta forma de concepção do *punk*, geralmente estão relacionadas a uma lógica jornalística, que tem por finalidade noticiar e/ou relatar o que é *punk*. E que frequentemente tem tratado os *punks* ou como indivíduos excêntricos – bizarros –, ou como uma ameaça à sociedade, sendo os *punks* perigosos. Como na matéria “Punks mataram balconista e foram para casa dormir”, publicada no dia 15 de Outubro de 2007 pelo portal de notícias “O Globo”, referindo-se a um homicídio em que os supostos assassinos seriam *punks*. Estes que por sua vez, são articulados a grupos *skinheads* e *skatistas*. No período, este caso ganhou certa projeção nacional pela frieza dos “*punks*”, pois seriam pessoas capazes de matar um pai de família, por apenas 40 centavos, e depois do ocorrido, ainda ir para a casa dormir tranquilamente, como se nada houvesse acontecido:

Dois dos três punks que mataram o balconista [J.S.P.], 24 anos, por causa de um pedaço de pizza que custa R\$ 1, foram para casa dormir depois do crime. O crime ocorreu na madrugada de domingo em um quiosque no terminal de ônibus do Parque Dom Pedro II, no centro. O corpo de [J.S.P.] foi enterrado nesta segunda-

feira. [S.A.], 22 anos, [W.O.V.], 18, e [J.A.R.S.], 18, saíram de um show e pararam no quiosque de pizza onde [J.S.P.] trabalhava. Na hora de pagar, pediram um desconto de R\$ 0,40. Como não conseguiram, [S.A.] começou a agredir os funcionários do quiosque com um cabo de vassoura. [J.S.P.] tentou conter a confusão e acabou esfaqueado e morto. Por causa de R\$ 0,40 tiraram uma vida. Tiraram a vida de um pai de família. [...] Willian, que é acusado de ter golpeado o balconista [...] deu à polícia o endereço do terceiro comparsa, [J.A.R.S.], que também estava dormindo quando a polícia chegou. Surpreende a frieza. Eles trataram a situação como corriqueira. Mataram uma pessoa e foram para casa dormir, como se nada tivesse acontecido - disse um policial. [S.A.] e [J.A.R.S.] disseram à polícia que não esperavam que [W.O.V.] fosse matar alguém. Para a mãe dele, a costureira [I.O.V.], o filho foi influenciado pelas más companhias. **Ela contou que [W.O.V.] tinha virado punk há pouco tempo.** Segundo o delegado, nenhum deles aparentava estar bêbado ou drogado. [...] o punk assumiu o crime e disse ter golpeado a vítima com a faca para se defender, porque teria sido encurralado. Já são pelo menos seis mortes atribuídas a grupos punks e skinheads este ano na capital. No dia 22 de junho, o garçom [J.C.B.], de 19 anos, estava em um bar na esquina da Alameda Lorena com a Rua Consolação, nos Jardins, quando uma mulher vestida de preto pediu um isqueiro. Como não conseguiu o que queria, ela chamou dois amigos que agrediram quem estava no bar. John foi atingido por facadas e morreu. Menos de 15 dias antes, um turista francês saía de um restaurante quando foi esfaqueado por um rapaz vestindo roupas de skatista. Dois deles tinham a cabeça raspada. Em abril, o estudante [R.C.], de 22 anos, também morreu depois de ser atacado a facadas na Rua Augusta, na região central. Uma discussão entre dois grupos rivais acabou em mais duas mortes em março, os autores da agressão são pai e filho².

Antes de adentrar na análise das informações contidas na notícia, é importante destacar que a finalidade da utilização deste texto, não se dá em função de estabelecer um questionamento se o assassinato realmente aconteceu da forma retratada ou de suspeitar se os três tinham noção do que era ou não era ser *punk*. O motivo da utilização desta notícia neste texto é demonstrar como este tipo de associação do *punk* a outros grupos juvenis é preocupante. Nesta notícia acaba transparecendo que os *punks*, tratam-se de uma ameaça permanente às demais pessoas da sociedade. Pois o que realmente importa é possibilidade de poder associar este incidente a uma série de outros assassinatos ocorridos no ano de 2007 envolvendo jovens, cujo motivo seria racismo e/ou xenofobia. Desta forma, ao constatar que já haviam sido registradas pelo menos 06 mortes naquele ano envolvendo os grupos juvenis, a matéria acaba colocando os *punks* como inimigos da sociedade de “bem”. E ao englobar *punks*, *skinheads* e *skatistas* como pertencentes a uma mesma categoria analítica, a de grupos juvenis, a notícia despreza as distinções entre eles e indiretamente transmite a ideia de que todos fazem parte de um único grupo, o de jovens, estes que por sua vez agenciam-se através do estigma da violência.

² O GLOBO, Portal: “Punks mataram balconista e foram para casa dormir”.

Entretanto, como esta notícia foi extraída de um portal relacionado a um periódico de circulação nacional, é importante que sua análise contemple algumas características próprias deste tipo de material, como “identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial³”. Isto permite estabelecer uma associação entre o que está sendo retratado e as atuações anteriores do grupo de editores, que por sua vez clareia os supostos interesses destes, a partir da construção da notícia. No caso em questão, esta triagem quanto ao “O Globo” permite observar que em suas páginas frequentemente evidencia-se a presença de casos que objetivam causar grande comoção popular, e “marginalizar” os acusados dos crimes, sendo uma prática que não se restringe apenas ao caso do assassinato do atendente da lanchonete pelos *punks*. Como observou Paula Cambraia Grassini⁴, em seu trabalho acerca da cobertura do assassinato de dois jovens paulistas (Liana Friedenbach e Felipe Caffé), nas páginas do periódico. Neste trabalho, a autora constata que por trás do desejo de justiça, o jornal reacende a discussão sobre a maioridade penal, lançando uma campanha midiática favorável à sua redução, uma vez que o crime teve como principal envolvido um jovem de 16 anos.

Esta estratégia, utilizada pelo jornal “O globo” nestes dois casos, trata-se de uma prática corriqueira em alguns veículos de comunicação destinados ao grande público e tem por finalidade atuar como mecanismo de autodefesa do grupo que produz a informação. “Então, por uma questão de segurança, alguns grupos, precisam ser afastados, precisam ser isolados, para não dizer ‘exterminados’⁵”. Portanto, este tipo de atitude, faz parte de um processo de marcar diferença frente aos desviantes, para permitir a manutenção da salubridade social do grupo que produz a informação. E esta relação tende a ser preservada com todos que sejam diferentes, de modo que não precisa saber muito bem quem são os *punks*, o importante é saber que eles são os outros. Que seguindo a lógica de biopoder⁶, são aqueles que se deve deixar morrer, para que se possa viver.

Ainda a respeito do jornal “O Globo”, cabe destacar que a preocupação com valores ordeiros, tem sido uma característica muito comum nas páginas do periódico deste 1953, quando passou a apoiar uma possível “intervenção militar com a ‘candidatura’ do Brigadeiro Eduardo Gomes, então presidente do Clube da Aeronáutica”, como destaca o trabalho de

³LUCA, p. 140.

⁴ GRASSINI, acessado em 14 de novembro de 2010.

⁵PEY (2004).

⁶ O termo biopoder foi cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault, para retratar a junção das práticas disciplinares que já existiam desde o século XVII, com elementos de preocupação com a gestão da vida, que vão surgir cerca de cinquenta anos depois, já no século XVIII. Mesmo sendo criadas em distintos momentos, essas práticas vão ser somadas e cristalizadas pela ação de instituições tais como jornais, a fim de demonstrar uma preocupação com a vida. Entretanto, para que alguns possam viver outros precisam morrer, é o que vai ser pontuado como outros tipos de racismo. *cf.* FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso ao college de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999

Monique Benati Rangel⁷, que também aponta que as empresas do meio de comunicação que mais cresceram e que “melhor souberam se ajustar não apenas à ordem política imposta pelo regime militar, [e] às novas exigências técnicas e empresariais do mercado jornalístico”, foram “O Globo” e o “Jornal do Brasil”. Este último que frequentemente também trouxe notícias, que abordavam o *punk*, como sendo “o outro”, “o estranho”, “o desviante”, aquilo que não se deve ser.

É justamente este caráter que dita o tom da reportagem de capa do caderno de domingo, da edição de 15 de Maio de 1994, na matéria “Eles não morreram⁸”, através de um título que chama a atenção por estabelecer duas possibilidades de compreensão: Primeiramente ao observar o título da reportagem pode-se pensar positivamente, pois o dizer “eles não morreram” permite acreditar que os *punks* ainda se fazem presentes e estão movimentando-se, articulando-se, não se deixam vencer. Entretanto, quando feita a leitura da mesma, tal expectativa desaparece, pois o aspecto de destaque na reportagem é a moda, sendo o movimento de contestação algo que deveria ser passageiro, tal como uma tendência. Para isto, a reportagem vale-se do exemplo *punk* na Inglaterra, que no período em questão já havia sido absorvido pelo comércio; por outro lado, os *punks* brasileiros continuam a insistir numa ideologia de movimento. Ou seja, por meio desta concepção os *punks* brasileiros, estão por fora da última “tendência” do que é *punk*.

Esta reportagem ocupou sete laudas do caderno, que geralmente é destinado a temas como lazer e entretenimento; sendo este o tom da reportagem, tratando os *punks* como consumidores de alguns bens culturais. Enfatizando no aspecto de que os *punks* brasileiros estão sendo desarticulados e desatualizados, uma vez que na Inglaterra não existe mais esta ideia de se organizar para contestar o sistema. Que por sua vez, implica que a adoção da identidade *punk* passa tão e simplesmente pela recepção de elementos relacionados à “indústria cultural”, dos quais “são indispensáveis para ser um bom *punk*”. Portanto, se foram destinadas sete laudas para falar que os *punks* não morreram, não foi para ressaltar a positividade de sua presença na sociedade, mas sim demonstrar o desconforto com a existência destes, por “correr-se o risco” de topar com os *punks*, em qualquer dia que se estiver circulando pela cidade. Mas, quem sabe se os *punks* brasileiros tornarem-se consumidores passivos, como no exemplo trazido pela reportagem, estes poderão até deixar de incomodar o grupo, ou quem sabe abrir uma possibilidade para os editores lucrarem com a

⁷ RANGEL, p.6

⁸ JORNAL DO BRASIL: **Eles não morreram**. Caderno de domingo. Rio de Janeiro, 15 mai 1994, p. 01-7

moda *punk*, tal como fizera Malcolm McLarem⁹. Neste sentido, seguindo a lógica do biopoder nas sociedades contemporâneas, o título da reportagem poderia muito bem ser invertido para: O que podemos fazer para que morram?

Entretanto, cabe destacar que nem todos os trabalhos jornalísticos optaram por retratar o *punk*, apenas como jovens consumidores de determinados bens culturais produzidos no exterior, que os transformam em jovens marginais. Um exemplo de trabalho que foi um pouco além destes aspectos, do que é ser *punk*, foi o livro “O que é Punk” do jornalista Antonio Bivar, produzido em 1982, num momento em que a repercussão do movimento *punk* londrino, passava a ganhar visibilidade em níveis globais. Juntamente com a ressonância da onda *punk*, que aumentou o interesse por parte do grande público em compreender o que afinal era esse tal *punk*. e o que eles faziam e buscavam vivendo de tal forma. Cabe destacar, que este trabalho que fora desenvolvido para compor a coleção “Primeira Passos”, da Editora Brasiliense, e enfatiza que o *punk* surge como uma espécie de resposta à forma comercial, que o *rock'n'roll* havia tomado, distanciando-se do público juvenil. Desta forma, o *punk* surgiria como um movimento musical, com o objetivo de, mais do que aumentar a interação dos “consumidores” com os “produtores” das músicas de *rock'n'roll*, quebrar esta barreira, fazendo com que cada pessoa pudesse ser produtora das suas próprias músicas, surgindo assim o ideal “Faça você mesmo”. Entretanto, com o passar dos tempos, este ideal começa a ir mais além, o que abre possibilidades de criar não só a sua própria música, mas também todo um visual, uma “cultura *punk*”.

Se por um lado, esse trabalho buscou demonstrar a capacidade de autogestão *punk*, por outro o livro, na tentativa de explicar o surgimento do *punk*, alocou-o a uma leva de outros movimentos de contestação juvenil, oriundos da segunda metade do século XX, ao invés de enfatizar suas distinções e abordá-lo como um movimento específico, fruto de um contexto particular. Essa busca por explicar seu surgimento através da experiência de outros movimentos juvenis com aspirações e formas de atuação bem distintas, como os *beatnicks*¹⁰ e os *hippies*, pode permitir que esse tipo alocação continue existindo na contemporaneidade, tal como ocorre na reportagem sobre o assassinato do atendente da lanchonete, em que os *punks* são associados a outros grupos juvenis distintos, como os *skinheads*.

⁹ Empresário londrino que ficou famoso na mídia por supostamente ser o pai do *punk*. Entretanto, o mérito de Malcolm McLarem reside em ter levado o *punk* dos E.U.A. para a Inglaterra, por meio da criação da banda *Sex Pistols*.

¹⁰ Os *Beatnicks* manifestavam-se basicamente por meio da publicação da poesia *beat*, que visava a rejeição ao intelectualismo, deixando-se levar pelo lúdico. Nessas obras, estavam contidas muitas das ideias iniciais que mais tarde caracterizariam alguns movimentos contraculturais, especialmente o *Hippie*.

Um ponto não privilegiado no trabalho de Antonio Bivar, foi as relações de convívio entre *punks* no Brasil, quando essa abordagem foi feita, não se podia ir além dos ambientes onde ocorriam os festivais de *punk rock*. Isto não permitiu pensar em outras possibilidades de atuação dos *punks* e por sua vez criou uma lacuna quanto aos conflitos entre *gangs punks*, que estavam ocorrendo no momento da publicação de seu livro. Somente nos outros trabalhos produzidos em seguida – ainda na década de 1980 –, traz-se este outro foco de abordagens sobre o *punk*, que não objetiva simplesmente noticiar ações ligadas à música ou à moda.

Portanto, passa-se a estender a análise para as suas vivências no período integral e em outros espaços. É calcado nesta perspectiva, que pode ser alocado a segunda tendência, que agrega alguns trabalhos acadêmicos, que procuraram problematizar algumas das informações que aparecem naturalizadas, como se fossem uma espécie de essência do *punk*, pensando que a constituição do que é ser *punk* não ocorre pura e simplesmente pela assimilação de elementos culturais.

O primeiro trabalho que faria uma análise um pouco mais detalhada acerca do movimento *punk* no Brasil, foi publicado nos cadernos da Unicamp, em 1983, sob o título de “Absurdo da Realidade: O movimento Punk”, produzido pelos historiadores Helenrose da Silva Pedroso e Heder Augusto de Souza. Nesse texto, os autores procuram responder à seguinte indagação: Como após a dissolução do Sex Pistols, – considerada pela imprensa a principal referência do que é ser *punk*¹¹ –, a ressonância daquela que seria apenas uma onda passageira que atingiu a Inglaterra, passou ecoar pelos mais distantes confins do planeta, como por exemplo o Brasil”. Embora o trabalho aborde especificamente a região metropolitana de São Paulo no início da década de 1980. Nessa análise os autores procuram demonstrar que aquilo que fora estabelecido como “leis do que é ser *punk* em Londres”, por vezes seriam readaptadas ou até mesmo ignoradas no cenário brasileiro. Portanto, no Brasil o *punk* teria uma configuração distinta daquela vista na Inglaterra.

Outra importante contribuição desse trabalho dá-se em função da abordagem pioneira em explorar a temática da violência, que estaria relacionada à visão de que os *punks* tinham do que era ser *punk*. Uma vez que a ideia majoritária, compreendia que o indivíduo *punk* é “sujo, podre, violento, antiburguês, antihipertensivo, antimoda e o visual era o escrachado¹²” e que para a manutenção desta imagem é necessária uma atitude violenta. Segundo os autores, como se tratava de um período em que o *punk*, começava a existir no Brasil, praticamente inexistia qualquer forma de união entre os *punks*; pelo contrário, havia

¹¹ PEDROSO, p. 06

¹² Idem, *op. cit.*, p.34.

diversos grupos com referências distintas. Isto por sua vez gerava uma grande rivalidade entre os grupos, que frequentemente tornavam-se *gangs*. Este conflito entre os *punks*, transpôs a dimensão de *gang*, ganhando dimensão de guerra entre os *punks*. Envolvendo os da “city” – São Paulo –, contra os do ABC. Mas, esta guerra entre *punks* na região metropolitana de São Paulo trata-se de um fenômeno particular e datado do início da década de 1980. Uma vez, que festivais como “O começo para o fim do mundo” tiveram por propósito buscar a união dos *punks* da região.

Se por um lado, o movimento *punk* em São Paulo, passou por conflitos entre *gangs* e até mesmo entre os *punks* da *City* e os do ABC, no Rio de Janeiro os *punks* apresentavam uma configuração bem distinta no que tange à questão da violência. Como revela o trabalho de Janice Caiafa, de 1985, “Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub”.

Nesse trabalho a antropóloga apresenta sua observação participante, realizada entre os anos de 1982 e 1983. Em seus relatos a autora demonstra que o movimento *punk* da cidade do Rio de Janeiro apresentava-se mais pela via simbólica, com o objetivo de agredir a sociedade visual e sonoramente. Um retrato disto é o capítulo intitulado “Isto não é uma suástica”, em que autora traça um paralelo com o trabalho do filósofo francês Michel Foucault, em sua obra “Isto não é um cachimbo”, com o objetivo de demonstrar que a suástica dentro do movimento *punk*, possui significado distinto do seu significante; ou seja, a suástica não representa um pensamento apologético ao nazismo, pelo contrário, significa a negação do pensamento nazista. O motivo da apropriação da suástica pelos *punks*, também seria uma forma de demarcar o território do grupo, uma vez que a suástica era um elemento tão pesado e que trazia uma herança tão marcante, que seria impossível de ser incorporado pelo mercado da moda, tal como ocorreu com as roupas dos *hippies*. Portanto, a análise da autora demonstra uma negação do nazismo pelos *punks*, abordagem esta que não foi contemplada anos depois na notícia do site do “O Globo”, que estabeleceu um elo entre os *punks* e os *skinheads*, grupo este de extrema direita ligado à ideologia nazista.

Outra importante contribuição desse trabalho, trata-se da ótica não essencialista com que a autora procurou retratar o indivíduo *punk*. Num momento em que os trabalhos noticiavam o que era o *punk*, Janice Caiafa procurou demonstrar justamente a incapacidade de classificá-los através de uma descrição fechada. Relatando que sempre quando tentava capturar o *punk*, este aparecia na ausência, assemelha-se a um vulto “que passava, num risco impressionista, e acabamos por filmar o espaço entre eles¹³”. Essa dificuldade em capturar aquilo que seria o *punk* pautou a ótica do seu trabalho, levando em consideração que a

¹³ CAIAFA, p. 17

potência do grupo em questão é “surgir do nada, ou de um breu tão profundo que a escuridão os dissimula pelos contornos dos becos. Na penumbra, a distancia das negociações mais óbvias, seu aparecimento resplende [...] uma luz bem mais intensa”.

Esta dificuldade de homogeneizar o *punk*, por meio de uma identidade centrada, passa a ditar a produção dos trabalhos sobre o grupo juvenil, a partir da década de 1990. Neste período, em que a maioria dos trabalhos sobre o *punk*, passam a serem produzidos dentro das universidades, como ocorre com a dissertação de 1993, do curso de mestrado em antropologia da UNICAMP de autoria de Kenia Kemp, que sob o título de “Grupos de estilo jovem: O ‘Rock Underground’ e as práticas (contra)culturais dos grupos ‘punks’ e ‘trashs’ em São Paulo”. Neste trabalho, a autora enfatiza que tanto os *punks* como os *trashs* podem ser enquadrados como grupos de estilos, que em tese seriam coletividades de caráter juvenil, “que tomam como referência para condição de pertencimento um estilo, e que elabor[am] além de uma proposta estética, um modelo de comportamento”¹⁴.

Se por um lado a autora, a partir do conceito de grupos de estilo, abre margem para análises associativas entre os *punks* e outros grupos, tal como ocorre na matéria do “O Globo”, por outro, explicita existir diferenças entre os diversos grupos de estilo e, mais do que isso, a autora destaca a existência de aspectos específicos dentro de cada um dos grupos desses grupos, em função das inúmeras circunstâncias que envolvem o convívio dentro do grupo, dado como uma singularidade do local. Esta contrapõe os elementos considerados globais do grupo, que deveriam funcionar como regulativos da identidade coletiva; ou seja, a tese apresentada por Kenia Kemp, evidencia que cada grupo de *punk* é único e mesmo que alguns elementos globais, do que rotulou ser *punk*, possam ser encontrados no grupo, este por possui sua própria singularidade, sua história particular¹⁵.

O desaparecimento de elementos que deem conta de compreender a totalidade do que é *punk*, não se trata de um processo existente no bojo da academia. Isto é algo que passa a ser vivenciado dentro do próprio movimento, como demonstra o historiador Rafael Lopes Souza, em seu livro “Punk: Cultura de protesto, as mutações ideológicas de comunidade juvenil subversiva”, que evidenciou que para os grupos já não bastava vestirem-se com *punks*, ou ouvir música de *punk*; era necessário uma vivência de um *punk*. E é justamente nesse processo que diversos grupos começam a passar por aquilo que o autor define como mutação ideológica. Processo este, que seria causado pela forte transformação trazida pela incorporação da ideologia anarquista, permitindo que vários grupos modificassem

¹⁴ KEMP, p. 18

¹⁵ Idem, p. 06

completamente a sua atuação política, redefinindo o que é *punk*, para os *punks* e não para a visão midiática como colocado no início do trabalho.

A incorporação do anarquismo, em primeiro momento, permitiu a união entre os grupos de São Paulo e do ABC, pois o anarquismo redefiniu o posicionamento do punk com a violência, uma vez que os principais inimigos deixariam de ser os próprios *punks* e passariam a ser outros, em especial o Estado, a imprensa e o capital. Isto permitiu que fosse retirado do bojo do movimento o estigma da violência física, passando a serem experimentadas outras formas de violências, firmadas nas vias simbólicas, como a visual e a sonora.

A dissertação “Enterrado mas ainda vivo!: Identidade Punk e Território em Londrina”, apresentada ao curso de mestrado em geografia da UNESP, no ano de 2001, de autoria de Nécio Turra Neto, procura analisar a importância dos diversos territórios da cidade de Londrina/PR, para a constituição da identidade *punk*, enfatizando a ideia da inexistência de uma forma universal e “coerente” de *punk*; este por sua vez será tecido em conjunto “entre juventude, ‘rebeldia’, diversão e cidade. [E] tem relação com a constituição de identidades individuais e coletivas, por meio da formação de grupos de sociabilidade, na forma de rede, na e pela circulação no espaço urbano”¹⁶. Pensou-se, no território como sendo constituído pelas atuações do grupo social, não apenas como algo dado, mas sim como algo criado. Num território constituído a partir de mecanismos de poder, não em sua manifestação extrema, mas sim em um poder que “não pode ser apreendido pelo estudo do conflito, da luta e da resistência, a não ser em suas manifestações mais restritas, [...] poder é uma estratégia atribuível a funções (disposições, manobras, táticas, técnicas)”¹⁷; ou seja, seu trabalho objetivou, “identificar a relação entre as práticas político-culturais do *punk* com o espaço urbano de Londrina e perceber se estas, pelas suas características, definem territórios, pela apropriação real e simbólica de frações do espaço urbano”¹⁸, pensou pela ótica de como o grau de exclusão de um território provoca uma relação à alteridade.

Essa análise colocou o *punk* na fronteira entre “nós” e “eles”, pensando não apenas como uma delimitação geograficamente imposta, mas pensando nas várias fronteiras existentes entre cada indivíduo e cada grupo. O próprio ato de escolher uma identidade é demarcar uma fronteira, “significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação [...] e distinção, supõem e, ao mesmo

¹⁶ TURRA NETO, p. 11.

¹⁷ O'BRIEN, pp. 33-62.

¹⁸ TURRA NETO, p. 169.

tempo, afirmam e reafirmam relações de poder”¹⁹. Tal como pode ser observado no relato de sua observação participante:

Neste caso, o território não seria propriamente o bar, mas sim a calçada, e os limites do território seriam os corpos. As pessoas que transitam pela calçada desviam do grupo e lançam olhares desconfiados na cidade. [...] Aqui o território não tinha a ver com o corpo, os limites é que tinham – a fronteira. Para se penetrar no território há que superar esta barreira: pelo olhar, pelo toque, pela violência, pelo sorriso, pela permissão verbal etc.. A abertura ou o fechamento do território é indicado por uma manifestação qualquer na fronteira-corpo.²⁰

O trabalho de Nécio Turra Neto é bastante representativo, pois apresenta uma nova ótica, na qual tem pautado os trabalhos acerca do ser *punk* na primeira década do século XXI, voltando-se mais para as particularidades locais, ao invés de partir de modelos autoexplicativos que vislumbravam o que é ser *punk*, a partir de um modelo global. Portanto, se num primeiro momento, os trabalhos produzidos nas décadas de 1980 e 1990, contemplaram em especial o eixo Rio-São Paulo, este fenômeno inverteu-se nos últimos estudos. Desta forma, começam a ser produzidos inúmeros trabalhos que buscam contemplar as particularidades do que é ser *punk*, nas mais distintas localidades do Brasil. Nesse período, destacam-se trabalhos que vislumbram cidades como Cuiabá²¹, Curitiba²², Fortaleza²³, João Pessoa²⁴, Porto Alegre²⁵, Ribeirão Preto²⁶.

Cabe destacar que percorrer os caminhos traçados pelos pesquisadores que estudaram o *punk* possibilita pensá-lo para além de uma identidade centrada no estigma da violência, revelando assim uma nítida distinção entre os *punks* e os grupos que visam a intolerância étnica, sexual, racial e etc., tal como fora apresentado naquela notícia. Por mais que o aumento da produção bibliográfica possa contribuir para novas reflexões acerca dos punks, essa produção não se encontra em condições de confrontar aquela produzida pelos meios de comunicação destinados a um grande público. Não só porque estes trabalhos circulam num mercado editorial muito restrito, geralmente ligado as universidades, mas, talvez, porque a população ainda necessite daqueles que precisam morrer, para que se possa viver, o que garantirá por muito tempo este tipo de imagem bestializada do *punk*.

¹⁹ SILVA, pp. 73-100.

²⁰ TURRA NETO, pp. 107-108.

²¹ SANT’ANA.

²² MORAES.

²³ DAMASCENO.

²⁴ BASTOS, acessado em 20 set. 2006.

²⁵ PEREIRA, acessado em 07 set. 2009.

²⁶ BARCELLOS.

Por fim, é interessante ressaltar que o *punk* não é violento, mas ele se constitui violento, em resposta à sociedade que busca matá-lo no dia-a-dia.

FONTES

JORNAL DO BRASIL: **Eles não morreram**. Caderno de domingo. Rio de Janeiro, 15 mai 1994, p. 01-7

O GLOBO, Portal: **Punks mataram balconista e foram para casa dormir**. Publicado em 15 dez. 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/10/15/298154758.asp>> Acesso em: 07 nov. 2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Jefferson Alves de. “Música e Imagem: o movimento punk e seus desdobramentos na década de 1990”. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. “Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk”. 2004. 149 p. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 284-433. <<http://www.cchla.ufpb/caos>>. Acesso em: 20 set. 2006.

BIVAR, Antonio. “O que é punk”. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos, 76).

CAIAFA, Janice. “Movimento Punk na Cidade: Invasão dos bandos sub”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

DAMASCENO, Francisco José Gomes. “Sutil Diferença: O movimento punk e o movimento hip-hop em Fortaleza - grupos mistos no universo citadino contemporâneo”. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004. 511p.

FOUCAULT, Michel. “Em defesa da sociedade: Curso ao college de France”. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRASSINI, Paula Cambraia. “Hay que endurecer siempre: O caso Liana Friedenbach e a campanha do jornal *O Globo* pelo endurecimento penal”. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/grassini-paula-liana-friedenbach.html>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

- KEMP, Kenia. “Grupos de Estilo Jovens: o 'Rock Underground' e as práticas (contra)culturais dos grupos “punks” e “trashes” em São Paulo”. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- LUCA, Tânia Regina de. “História dos Punks nos e por meio dos periódicos. A história depois do papel”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- MORAES, Everton. "Deslocados, Desnecessários: O ódio e a ética nos fanzines punks (curitiba 1990-2000)". Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.
- O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. (org.). “A nova história cultural”. Tradução J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 33 – 62.
- PEDROSO, Helenrose S.; SOUZA, Heder. “Absurdo da Realidade: O Movimento Punk”. Cadernos de Pesquisa IFCH – Campinas/Unicamp, 1983.
- PEREIRA, Angélica Silvana. “Somos expressão, não subversão! – A gurizada punk em Porto Alegre”. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000581842&loc=2007&l=cc6651bae2f9523f>>. Acesso em: 07 set. 2009.
- PEY, Maria Oly; BACCA, Ana Maria; SÁ, Raquel Stela. “Nas pegadas de Foucault”. Apontamentos para a pesquisa de instituições. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.
- RANGEL, Monique Benati. “Poder e discurso da imprensa na década de 1960: a objetividade jornalística a serviço da ditadura militar”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003, Belo Horizonte. **Anais**. São Paulo. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/4420/1/NP2RANGEL.pdf>> Acesso em: 07 nov. 2010, p.6
- SANT'ANA, Ana Paula de. “Punk Labirintos do Corpo: Movimento Punk em Cuiabá”. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). “Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais”. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.73-10.
- SOUZA, Rafael Lopes de. “Punk: Cultura de protesto, as mutações ideológicas de comunidade juvenil subversiva”. São Paulo: Edições Pulsar, 2002. 128 p.
- TURRA NETO, Nécio. “Enterrado mas ainda vivo!: Identidade Punk e Território em Londrina”. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2001.